RURAL URBANO
revista científica>
UFPE UFRPE

# PANTANAL DO RITMO DAS ÁGUAS, DA CADÊNCIA DAS BOIADAS

THE RHYTHM OF THE WATERS, THE CADENCE OF THE CATLE OF PANTANAL

**José Fonseca da Rocha Filho**
jotafon@gmail.com

**Resumo**

O objetivo e a importância deste relato é apresentar os elementos observados durante os trabalhos de campo realizados no Pantanal por se tratar de uma região onde a cultura é pouco conhecida pelo resto do país. As anotações subsidiaram minhas pesquisas acadêmicas desde o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), elaborado para obtenção do diploma em Comunicação Social – Jornalismo – da Universidade São Marcos (1995), ao doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. As observações iniciaram na década de 1990, ano em que foi veiculada a novela Pantanal, na extinta Rede Manchete. O estudo inicialmente foi sobre a cultura pantaneira, com suas especificidades, saberes e fazeres locais, pois, nessa época, o Pantanal era constantemente divulgado quase que exclusivamente pelas suas belezas naturais, sua fauna, sua flora. Isso despertou curiosidade em pesquisar como viviam os atores locais. Para tanto, foram realizadas diversas viagens para a região do Pantanal, ao município de Aquidauana, no Estado do Mato Grosso do Sul, com recorte para uma propriedade localizada neste espaço geográfico, que tiveram como objetivo acompanhar o cotidiano do homem e da mulher pantaneiros no seu ambiente de origem, atividades tão arraigadas e influenciadas pela secular criação extensiva de gado bovino. Posteriormente, procurou-se investigar como estava se desenvolvendo a relação destes atores com a recente entrada do turismo ecológico na região.

**Palavras-chave:** Pantanal, Pecuária, Cultura, Turismo

**Keywords:** Pantanal, Livestock, Culture, Tourism

## Pantanal: uma breve caracterização

Com uma área total de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados, o equivalente à soma das áreas de Portugal, Bélgica, Holanda e Suíça, o Pantanal é a maior planície de

inundação contínua do planeta[1], dividindo-se entre Brasil, Paraguai e Bolívia. Na definição de PROENÇA:

> [...] o que chamamos de Pantanal não passa de uma imensa planície sedimentar, situada nos Estados de Mato Groso e Mato Grosso do Sul, adentrando-se uma parte da Bolívia e Paraguai, que se alaga periodicamente, quando os rios se avolumam e jogam suas águas nas baixadas, enchendo vazantes e corixos, baías e lagoas, transformando-se numa coisa só de água espraiada, semelhante a um mar doce em certas áreas. (PROENÇA, 1997).

O Pantanal funciona como um grande reservatório, provocando uma defasagem de até cinco meses entre as vazões de entrada e saída[2]. O volume de suas águas obedece ao ciclo anual das cheias, que ocorre de novembro a maio. Nesta época, o transbordamento de rios e corixos[3] alteram completamente a paisagem:

Imagem 1: Campo no período da seca. Aquidauana, setembro, 2009.

Fonte: José Fonseca.

[1] CIMA – Comissão Interministerial para Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, (1991).
[2] IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
[3] CORIXO – Canal (pequeno rio), que liga as águas de lagoas, baías, alagados, etc. com os rios próximos.

Imagem 2: Campo (mesmo local) no período da cheia. Aquidauana, março, 2010

Fonte: José Fonseca

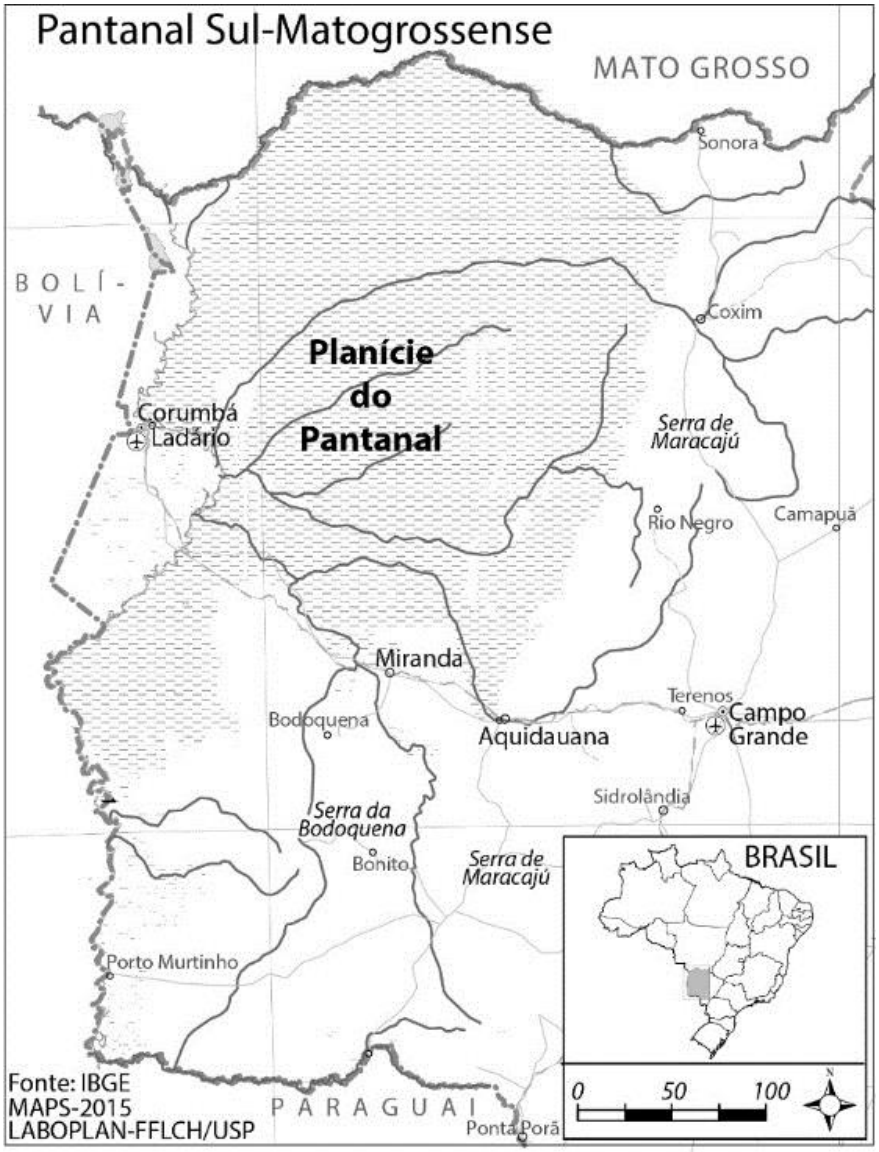
O Pantanal é como uma grande ‘esponja’ quando é chegada a estação das chuvas. Nesta época a região começa a receber grande volume de águas da parte alta que ficam retidas e, depois, escoam lentamente, pois, na planície, a declividade é pouca: de 1 a 2 centímetros por quilômetro no sentido norte - sul e de 6 a 12 centímetros por quilômetro no sentido leste-oeste, aproximadamente (Almanaque Brasil Socioambiental - Instituto Socioambiental – ISA).

Sodré (1941) nos dá outra descrição do regime que as águas impõem ao pantanal quando diz:

> [...] detida no capricho de suas curvas, a torrente do Paraguai, quando começa a chover nas cabeceiras, represa as águas dos seus afluentes (...) começam elas a invadir as campinas verdejantes (...) estendem-se como um lençol interminável (...) um território imenso fica entregue ao domínio incontrastável das aguas. (Sodré, 1941).

Quando a vazante inicia, os campos ficam fecundados e úmidos estendendo o verde das pastagens.

Mapa 1: Área do Pantanal Sul.




Fonte: Mateus de Almeida Prado Sampaio, 2015

A área pertencente ao território brasileiro – 138.183 Km² - está localizada na região Centro-Oeste, nos Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, lembrando que esta divisão entre Sul e Norte data de 11 de outubro de 1977, resultado de um processo que envolveu questões socioeconômicas, além de aspectos culturais e políticos. Deste total, 89.318 Km² pertencem ao Estado do Mato Grosso do Sul.

Tabela 1

Delimitação do Pantanal Brasileiro. Participação dos municípios segundo a área fisiográfica do Pantanal (em Km²)

| **Mato Grosso** | Pantanal (A) | A/B (%) |
|---|---|---|
| Barão de Melgaço | 10.782 | 7,80 |
| Cáceres | 14.103 | 10,21 |
| Itiquira | 1.731 | 1,25 |
| Lambari D'Oeste | 272 | 0,20 |
| Nsa Sra. Livramento | 1.115 | 0,81 |
| Poconé | 13.972 | 10,11 |
| Sto. Ant. Leverger | 6.890 | 4,98 |
| Sub-total | 48.865 | 35,36 |
| **Mato Grosso do Sul** | Pantanal (A) | A/B (%) |
| Aquidauana | 12.929 | 9,36 |
| Bodoquena | 46 | 0,03 |
| Corumbá | 61.819 | 44,75 |
| Coxim | 2.132 | 1,54 |
| Ladário | 66 | 0,05 |
| Miranda | 2.106 | 1,52 |
| Sonora | 719 | 0,52 |
| Porto Murtinho | 4.717 | 3,41 |
| Rio Verde de MT | 4.784 | 3,46 |
| Sub-total | 89.318 | 64,64 |
| Total (B) | 138.183 | 100,00 |

Fonte: Silva e Abdon, 1998. Organização: José Fonseca, 2010.

Em 1997, após levantamentos, pesquisas e estudos que visaram um gerenciamento baseado em dados científicos da Bacia do Alto Paraguai – BAP, que envolve o Pantanal, foi elaborado o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP, ação coordenada pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA. Destes estudos resultou uma classificação do Pantanal em 11 sub-regiões, a saber:

Tabela 2

| **Sub-regiões** | **Área (km²)** | **Percentagem (%)** |
|---|---|---|
| Cáceres | 12.456 | 9,01 |
| Poconé | 16.066 | 11,63 |
| Barão de Melgaço | 18.167 | 13,15 |
| Paraguai | 8.147 | 5,90 |
| Paiaguás | 27.082 | 19,60 |
| Nhecolândia | 26.921 | 19,48 |
| Abobral | 2.833 | 2,05 |
| Aquidauana | 5.008 | 3,62 |
| Miranda | 4.383 | 3,17 |
| Nabileque | 13.281 | 9,61 |
| Porto Murtinho | 3.839 | 2,78 |
| **Total** | **138.183** | **100,00** |

Fonte: Silva e Abdon, 1998. Organização: José Fonseca, 2010

**Ocupação, formação das primeiras fazendas**

Os primeiros imigrantes a chegarem aqui foram os jesuítas espanhóis. Eles se estabeleceram, principalmente, nas margens dos rios Aquidauana, Miranda e Guaporé, além de outros locais. (RONDON, 1972). Exploradores espanhóis e bandeirantes, quando passaram pelo Pantanal, não tiveram influência ou pretensão no sentido de que houvesse a fundação de um povoado. A passagem pelo Pantanal era feita por causa dos seus rios navegáveis. Os espanhóis, em busca das minas de prata; os paulistas, procurando o ouro de Cuiabá e aprisionando os índios. Corrêa Filho (1955) diz que "na parte sulina do Pantanal, porém, costumes diferentes resultaram da colaboração de outras componentes étnicas na formação dos vaqueiros. Cadiveus, descendentes dos guaicurus, terenos, e silvícolas de várias tribos supriram a falta de camaradas dos centros civilizados" (CORRÊA FILHO, 1955: p. 25). Bertelli afirma que entre as principais estavam os Kadiwéu, descendentes dos Mbaya-Guaicurus, (índios cavaleiros do Pantanal); os Terenas, conhecidos pela habilidade na agricultura e no artesanato, e os Guatós, exímios canoeiros. (Bertelli, 1988).

A cultura pantaneira também recebeu a influência do paraguaio, do qual absorveu os costumes e a fisionomia. (PROENÇA, 1997).

A formação de enormes fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado no Mato Grosso do Sul vêm do modelo de autossubsistência chamadas autarcias (produzem tudo o que necessitam) e ocupam grandes áreas porque na época da cheia ficam com boa parte de suas terras inundadas. A cultura pantaneira foi consideravelmente influenciada e moldada por estas características típicas e singulares que acompanham as gerações até hoje.

**Pecuária extensiva**

Referindo-se à construção do espaço de convivência no Pantanal através da pecuária com a criação extensiva de gado no Centro-Oeste brasileiro, Marques afirma: "O inicio da indústria pastoril em Matto Grosso data de 1737, quando Pinho de Azevedo... trouxe na sua expedição os primeiros rebanhos de gado" (MARQUES, 1923: p. 149).

O Pantanal, com seus imensos pastos nativos – um verdadeiro patrimônio local – sempre foi, tradicionalmente, utilizado como cria e recria; vocação e controle naturais. "Não obstante conviverem touros, vacas e novilhos de mistura, nos campos, o instinto só os acasalava em época própria e lhes regulava a parição, limitada normalmente aos meses de seca." (CORRÊA FILHO, 1955: p. 31). O gado magro, tradicionalmente, sempre foi levado em comitivas, principalmente para as invernadas de São Paulo e do Triângulo Mineiro, para ganharem peso e, depois, serem abatidos. "O bovino ibérico, trazido pelos colonizadores, gradativamente se adaptou ao ambiente, dando origem ao 'Pantaneiro ou Tucura'" (EMBRAPA Pantanal, pesquisado em 2007). Com o passar do tempo o gado pantaneiro foi sendo substituído pelo Zebu, principalmente pela raça Nelore.

**O pantaneiro e sua relação com o Pantanal**

> Embora usando métodos diferentes, pode-se dizer que o pantaneiro é, ao mesmo tempo, um botânico, um zoólogo, um astrônomo, um geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, com a qual aprendeu a conviver, no dia-a-dia. Ao colocar em prática suas experiências testadas secularmente pela relativa margem de acertos, em situações similares, acabou estabelecendo algumas leis empíricas que são arroladas por eles mesmos como experiência de vida. (NOGUEIRA, 2002: p. 31)

Quando se fala sobre o Pantanal, invariavelmente, o assunto predominante gira em torno da diversidade dos animais, da natureza exuberante que existe por lá, com suas 650 espécies de aves já catalogadas, 262 de peixes, 120 de mamíferos, 50 de répteis, 1.100 de borboletas. Com

Imagem 3: Peões pantaneiros saindo para a lida no campo.

Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2009.

respeito à flora já foram identificadas 1.700 espécies de plantas (EMBRAPA - 1997). Em meio a toda essa diversidade natural que levou o Pantanal a ser considerado um dos mais importantes santuários ecológicos da Terra – foi declarado Reserva da Biosfera Mundial e Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2000 – existe figura do pantaneiro – sua existência e presença – que foi imprescindível e teve grande importância tanto no desbravamento como na preservação e manutenção deste cenário e que, através dos tempos, manteve sempre uma delicada união entre Sociedade e Natureza. “A noção que o pantaneiro tem de seu meio é fruto de um convívio intenso que mantém com os animais e plantas, sobre os quais possui conhecimento respeitável.” (BANDUCCI JR, 2007: p. 160). Além disso, ele não procura ou tenta modificar o que a natureza lhe oferece, mas sim, busca sempre uma adaptação. Esta atitude também foi fator importante e teve grande contribuição na formação, no fortalecimento e na manutenção das suas tradições que, com o passar do tempo, moldaram a sua cultura (BANDUCCI, 2007). Ainda: “(...) o clima

regula grandemente, no Pantanal, as atividades humanas (...) a adaptação dos processos de trabalho, de meios de subsistência, de hábitos de vida (...)" (CORREA FILHO, 1955: p. 5).

Imagem 4: Peão pantaneiro trabalhando o gado.

Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2009

**Comitivas: tradição pantaneira importante na moldagem dos costumes**

Uma das maiores tradições do Pantanal são as comitivas. Leite afirma que "as comitivas, seus condutores e peões, sempre estiveram associadas à atividade econômica da bovinocultura, desde os primeiros instantes em que o gado se fez um tipo de riqueza no Brasil." (LEITE, 2003). São mais frequentes as que levam entre 900 e 1200 bois.

Elas viajam conduzindo gado, seja de uma fazenda para outra, dentro da própria fazenda, levando gado para leilões e frigoríficos ou para serem embarcados nos caminhões, as chamadas gaiolas boiadeiras, que normalmente aguardam em propriedades mais próximas às cidades, onde encontram melhores acessos, pois esses veículos não conseguem entrar no Pantanal. Eles podem ficar na periferia, nas estradas, mas lá dentro eles não entram; nem na seca nem na cheia. É impossível. O terreno não permite.

As comitivas também têm um importante papel que é o de preservação da cultura do pantaneiro, a sabedoria popular local. Devido ao tempo e ao conhecimento adquirido depois de tantas viagens transportando gado, os integrantes de uma comitiva sabem prever ou antecipar-se a

situações que dificilmente seriam percebidas por quem fosse inexperiente no serviço e que, caso ocorressem, poderiam colocar em risco os peões e a boiada. A estrutura de uma comitiva, dependendo da quantidade de bois, pode alterar um pouco quanto ao número de peões, mas, frequentemente, é formada da seguinte maneira: dois fiadores que ficam logo atrás do ponteiro – dos lados da comitiva. Um pouco mais atrás ficam os dois meeiros, e mais atrás o condutor e seus ajudantes, os culatreiros – ou culateiros – pois ficam na culatra. Eles 'fecham' o gado evitando que algumas cabeças fiquem para trás e não acompanhem o resto da boiada. Há também a figura muito importante do cozinheiro da comitiva:

Imagem 5: Comitiva

Fonte: José Fonseca: Aquidauana, 2009

Imagem 6: Cozinheiro da Comitiva desamarrando as bruacas

Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2009

Ele sai com sua tropa – normalmente de mulas – bem antes da boiada iniciar sua marcha e, combinando previamente com o ponteiro, parte em direção ao local da próxima parada. Nas bruacas[4] carrega, além dos acessórios de cozinha, mantimentos e os pertences dos peões. Quando a comitiva chega, horas depois, a comida já está pronta. O número total de integrantes de uma comitiva pode variar de acordo com o número de bois que estão sendo transportados. É um sistema que funciona, evita estouros, diminui o risco do gado se dispersar. É uma questão de honra para qualquer peão de comitiva não perder nenhuma cabeça durante o percurso.

As comitivas ainda são frequentes no Pantanal. Apesar da rapidez das 'gaiolas boiadeiras', a preferência ainda é pelas comitivas, mesmo porque nenhum caminhão consegue adentrar em determinados locais do Pantanal. Cada dia de viagem é chamado de marcha. Uma marcha gira em torno de 12 km/dia, às vezes um pouco mais ou um pouco menos. Depende do terreno, de situações ocorridas durante o percurso.

Imagem 7: Cozinheiro da Comitiva desamarrando as bruacas.

Fonte: José Fonseca, Aquidauana, 2009.

A escolha da retirada ou da entrega de bois através de uma comitiva tradicional em detrimento de viagens feitas através dos caminhões também é provocada pelo custo do transporte. Para se ter uma ideia, pode-se fazer a seguinte comparação: para cada R$ 1,00 pago no trabalho de uma comitiva, serão gastos R$ 2,00, em média, numa gaiola boiadeira. Essa é a proporção. Isso ocorre porque na comitiva, o custo é de dois salários mínimos por marcha, lembrando que uma marcha equivale a um dia de viagem. Já nas gaiolas boiadeiras, além de não conseguirem atingir muitos pontos do Pantanal devido à precariedade das estradas, o custo é calculado da seguinte maneira: a cada quilômetro rodado é cobrado R$ 2,50 sendo que esse valor é sempre dobrado, ou seja, considera-se o total de quilômetros da ida e da volta de cada viagem. Outro detalhe. Uma comitiva leva, em média, mil bois. Pode-se imaginar quantos caminhões seriam necessários para transportar essa quantidade levando-se em consideração que cada caminhão consegue carregar, por viagem, entre 18 e 22 bois.

A tabela abaixo exemplifica melhor a diferenças de custo entre bois levados por uma comitiva e nas gaiolas boiadeiras. Para a confecção desta tabela comparativa do custo atual para o transporte de gado no Pantanal foram considerados os seguintes dados:

- Total de cabeças a serem transportadas: 1000
- Distância entre duas fazendas = 240 km;
- Um dia de marcha = 12 quilômetros;

- Salário mínimo = R$ 788,00 (1 de janeiro de 2015);
- Valor do quilômetro rodado pelos caminhões = R$ 2,50 (x 2 = ida e volta);
- Capacidade de carga do caminhão = 20 bois;
- Para calcular a duração da viagem dos caminhões, considerou-se que serão utilizados cinco caminhões e que cada um fará uma viagem por dia (ida e volta);

Custo de transporte do gado em comitiva

| COMITIVA | Total |
|---|---|
| Duração da viagem | 20 dias |
| Custo final (20 x R$ 788,00 x 2) | R$ 31.520,00 |

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pelo autor. Aquidauana, 2015.

Custo de transporte do gado em Gaiola Boiadeira

| GAIOLA BOIADEIRA | Total |
|---|---|
| Número de viagens | 50 |
| Duração total das viagens | 10 dias |
| Valor (50 x 240 km x R$ 2,50 x 2) | R$ 60.000,00 |

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pelo autor. Aquidauana, 2015.

Outra vantagem, segundo afirmação de fazendeiros, é a de que no caminhão, o gado fica bastante estressado, podendo, inclusive, influenciar na qualidade da carne. Na comitiva não. Os bois vão pastando, tomando água, viajando devagar. Dr. Roberto Aguilar Machado Santos Silva, pesquisador da Embrapa Pantanal (Corumbá/MS), na área de Sanidade Animal, afirma que uma das etapas mais importante no sistema de produção de bovinos de corte que pode comprometer o bem-estar é o transporte. Este é considerado o evento mais estressante que os bovinos sofrem. Na Europa os animais são considerados como seres sencientes[5]. Isso demonstra que, ainda hoje, as comitivas pantaneiras resistem e ainda vão continuar por muito tempo, embora em algumas regiões, mudanças causadas pelas imposições da modernidade já sejam sentidos, como por exemplo, a pressão para a diminuição do tempo entre a saída e a entrega do gado. “As comitivas, seus condutores e peões, sempre estiveram associadas à atividade econômica da bovinocultura, desde os primeiros instantes em que o gado se fez um tipo de riqueza no Brasil.” (LEITE, 2003: p. 93).

**Tempos lentos**

No Pantanal, a vida acontece mais devagar, ou melhor, a velocidade do tempo parece seguir um ritmo próprio. Não há pressa. Nem para fazer, nem para andar, nem para comer, nem

para falar. Tudo ali segue como o andar cadenciado dos bois sinuelos[6], ou a movimentação tranquila das águas de uma vazante[7] deixando lentamente os campos alagados no final da cheia. Em virtude disso, procurou-se verificar se a aceleração contemporânea poderia estar produzindo crise, pois as velocidades são diferenciadas. Como então empiricizar o tempo neste lugar?

Os eventos são únicos. Nascem de uma ação, de um conjunto de possibilidades de um momento histórico; realizam a possibilidade histórica no lugar. São uma significação, uma qualificação, uma unidade significativa do tempo. O espaço muda com o passar do tempo, mas mudaram os objetos e os arranjos anteriores?

> O lugar é o depositário final, obrigatório, do evento. (...) Os eventos são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço. (SANTOS, 1999: p. 115)

Após diversas visitas à região do Pantanal do Mato Grosso do Sul, para estudos científicos, procurou-se identificar possíveis mudanças ou benefícios que pudessem ter ocorrido a partir do início da década de 1990, quando o turismo ecológico começou a entrar com mais força na região, pois, até então, apenas o chamado 'turismo de pesca' era praticado. Também neste mesmo período um *marketing* maciço direcionado para o turismo na região teve início, devido à grande projeção que obteve a Telenovela "Pantanal". Desde então, tradicionais fazendas de criação extensiva de gado começaram a receber turistas tanto do Brasil como também do exterior.

Por meio da bibliografia e dos conceitos sobre tempo/espaço, técnica, psicosfera e periodização dos sistemas de eventos, além das observações realizadas em loco, assim como as informações obtidas nas entrevistas, procurou-se verificar como se processou a entrada do ecoturismo nas fazendas no período do início da década de 1990. A pecuária e a pesca eram as atividades econômicas mais importantes. O turismo ecológico no Pantanal aparecia como uma

---

[5] SENCIENTES - Conforme tratado da União Européia, também conhecido como "Tratado de Amsterdã", de 2 de outubro de 1997. O tratado reflete a preocupação com a qualidade de vida dos animais. Desde a década de 1970, os cientistas estão tentando definir ou conceituar o bem estar dos animais. Uma definição de bem-estar bastante utilizada foi estabelecida pela FAWC (Farm Animal Welfare Council), na Inglaterra, mediante o reconhecimento das cinco liberdades inerentes aos animais:
a. A liberdade fisiológica (ausência de fome e de sede e desnutrição);
b. A liberdade ambiental (edificações adaptadas, conforto térmico e físico);
c. A liberdade sanitária (ausência de doenças e de fraturas);
d. A liberdade comportamental (possibilidade de exprimir comportamentos normais), expressar o comportamento característico da espécie;
e. A liberdade psicológica (ausência de medo, de ansiedade ou estresse intenso ou prolongado). Fonte: Embrapa Pantanal - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Corumbá/MS. Organização: José Fonseca, 2015.

[6] SINUELO – Gado manso que vai à frente da boiada na comitiva.

[7] VAZANTE – Porção de campo em terreno baixo e úmido, temporariamente alagado na época das cheias, onde formam-se córregos temporários que ligam as extensas lagoas.

recente atividade que tinha como argumento principal o contato direto com a cultura tradicional do pantaneiro moldada pela atividade secular da pecuária extensiva, com todas as tradições e peculiaridades que a envolviam.

**A chegada do ecoturismo às tradicionais fazendas pantaneiras: Novela Pantanal**

Com a queda do estoque pesqueiro causada por vários motivos como pesca predatória, além da própria pesca esportiva, entre outros, o que começou a provocar crescente diminuição no volume de pescadores, alguns fazendeiros da região de Aquidauana vislumbraram a possibilidade de incrementar em suas terras, um 'novo' tipo de turismo, o Ecoturismo. Este despontava e parecia estar, até certo ponto, pronto para ser iniciado, pois os fazendeiros tinham a natureza, a fazenda, a pecuária, eram pantaneiros e como tal conheciam todas as especificidades e tradições do Pantanal: "Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, 'únicos'." (SANTOS, 1988: pp. 46, 47). E, além de tudo, tinham o Pantanal e sua exuberante paisagem, que, na definição de Santos (1988), é "tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança (...). Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc." (SANTOS, 1988: p. 61).

Aliado a isso, em 1990, no dia 27 de março, era exibido o primeiro capítulo da novela "Pantanal" pela extinta Rede Manchete. Foi um sucesso que marcou a televisão brasileira, atingiu elevados índices de audiência e provocou grande projeção do Pantanal na mídia. Até então, o Pantanal era sempre mostrado como um lugar 'inacessível às pessoas comuns' e fazia parte de um turismo que se limitava praticamente ao da pesca e aparecia em alguns programas televisivos sobre natureza selvagem e em esporádicas reportagens de revistas especializadas. A novela foi filmada no Pantanal Sul (Aquidauana/Rio Negro). Durante os 9 meses em que ficou no ar, atingiu picos de audiência que chegaram aos 44 pontos, lembrando que, segundo o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), na época, cada ponto representava 55,5 mil domicílios na Grande São Paulo. (MACHADO; BECKER, 2008). A emissora deixou para trás a poderosa e até então 'imbatível' Rede Globo, algo impensável para ela, que estava acostumada a brigar apenas pelos segundo ou terceiro lugares com a Rede Bandeirantes e o SBT, atingindo em média, 12 pontos de audiência: "A chamada 'síndrome do Pantanal' começa a acontecer em abril, um mês depois da novela estrear, quando os melhores índices do IBOPE começam a migrar da Globo para a Manchete." (MACHADO; BECKER, 2008: pp. 15 e 16).

O investimento feito pela emissora na novela, justamente no ano de 1990, não foi por acaso. Era o Ano Internacional do Meio Ambiente (da Ecologia) e já era prevista a grande

projeção que esse tema teria na mídia (MACHADO; BECKER, 2008). “A ecologia advoga a defesa do meio ambiente e da qualidade de vida, rende dividendos políticos, ocupa pautas da ONU (Organização das Nações Unidas) e de importantes reuniões internacionais e dá visibilidade a ideologias de diferentes grupos.” (MACHADO; BECKER, 2008: p. 25). Depois que o Pantanal foi mostrado durante meses ao Brasil e, em seguida, ao mundo – foi exibida em países como Itália, Rússia, Grécia, Estados Unidos, Bulgária e em toda a América Latina – muitos turistas do Brasil e de outros países o descobriram e começaram a se interessar. Mas não tinham onde se instalar no Pantanal. Existiam apenas pequenos hotéis na cidade. Paralelamente à novela, iniciou-se um marketing turístico direcionado ao Pantanal respaldado pelo sucesso que o folhetim apresentava.

A propaganda turística, considerada “a atividade que influencia e se esforça em persuadir e habituar as pessoas a viajar, propondo-lhes motivos que despertem o desejo de conhecer um determinado local”, (RUSCHMANN, 1995: p. 70), aumentou consideravelmente, fazendo com que o chamado ‘turismo ecológico’ começasse a deslanchar. A demanda crescia sem parar. Foi quando proprietários de tradicionais fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado bovino da região estudada perceberam que poderiam aliar sua principal atividade - a pecuária - a um novo negócio, o turismo, ou melhor, ao ecoturismo.

Mas como fazê-lo? Tudo era novidade. Onde acomodá-los? Como recebê-los? Quanto cobrar? O que servir nas refeições? Enfim, como saber qual a demanda turística, interpretada como “a quantidade de bens e serviços turísticos que os consumidores desejam e estão dispostos a adquirir, por um dado preço e em um dado período de tempo.” (LAGE; MILONE, 2000: p. 26). “Devido à exibição da novela, o pessoal das agências telefonava sem parar, perguntando se nós podíamos receber hóspedes na fazenda”, conta Vânia Murano, proprietária da Pousada Aguapé/Aquidauana-MS. Foi quando começaram a receber turistas e alojá-los na própria casa sede da fazenda. (ROCHA FILHO, 2010).

Imagem 8: Turistas passeando no Pantanal (Pousada Aguapé).

Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2010.

Mais do que inserir objetos nesses espaços, o turismo também se apropria de objetos preexistentes, mudando seus significados. Por exemplo, a casa de fazenda pode transformar-se em hospedaria/refeitório. Áreas de cultivo antes destinadas apenas à produção, podem transformar-se em espaço para a atividade eventual de turistas que desejam participar, de forma ativa, da vida local. (CRUZ, 2001: p. 20)

Santos (1985) diz que a chegada de uma nova atividade, aliada à antiga, cria também a possibilidade, nem sempre alcançada, da capacitação do capital humano já existente e também da apropriação de toda a estrutura local que, com as devidas adaptações, pode transformar-se em estrutura hoteleira. O turismo chega definitivamente ao lugar. Seria bom? Ruim? Quais as consequências que traria? Mas, convenhamos, ele não apareceu ali por acaso. Se houver intenção contrária a sua presença, não se deve esquecer o que diz Yázigi (2001), quando pergunta: "Se o turismo merece reprovação, o que falar da esmagadora maioria de emissões televisivas espetaculares?" (YÁZIGI, 2001: p. 277).

Tendo em mente que a chegada do estranho pode, de uma certa maneira, comprometer a vida cotidiana das fazendas pantaneiras, pois o turista, a princípio, tende a não ver o lugar como se fosse o 'lugar da vida', mas sim o 'lugar do exótico' ou, se a autenticidade e a privacidade das populações visitadas poderiam estar se transformando num 'show vulgarizado', destruídas pelo turismo (RUSCHMANN, 1995), verificou-se, com os estudos, pesquisas e entrevistas efetuados, que a entrada do ecoturismo trouxe, apesar do aumento do fluxo de pessoas estranhas ao lugar,

contribuição para a valorização e a manutenção da cultura local, e, além disso, contribui para a permanência dos pantaneiros nas fazendas.

**O Ecoturismo como fator de manutenção, ressignificação e valorização da cultura pantaneira**

Interessante notar que houve como que um retorno ou uma maior permanência de alguns proprietários nas fazendas após o início do Ecoturismo no Pantanal. A atividade exigiu presença mais constante do proprietário, que 'retornou' à fazenda. Quando era apenas pecuária, alguns fazendeiros moravam na cidade e só vinham para as fazendas de vez em quando, pois o acesso era muito ruim, não havia telefone, nem energia, só de gerador. Parece haver aqui uma concordância quando Yázigi (2001), afirma que acordar para o turismo "requer um fino trabalho de reconstrução e é por isto que vejo, nesta atividade, um belo pretexto de melhoria do próprio cotidiano. Só por isso o turismo já se justifica" (YÁZIGI, 2001: p. 165).

Murano (Pousada Aguapé-MS), conta que três anos antes da inauguração da pousada eles começaram a ter experiências com o turismo, pois abriram um camping às margens do Aquidauana. "Mas era só pesca. Nós recebíamos pescadores de todos os cantos do Brasil", disse. Mas, confidenciou em seguida, que sempre achara o turismo de pesca muito extrativista. Quando, em virtude da exibição da novela, começaram a ser procurados cada vez com mais frequência por agências de turismo ou mesmo por particulares interessados em passar uns dias na fazenda, decidiram começar a receber turistas. "Foi aí então que inauguramos a Pousada Aguapé, que funcionava dentro na nossa casa". Quando se comenta com os fazendeiros tradicionais sobre a troca ou substituição da pecuária pelo turismo, a resposta é sempre a mesma, dizem categoricamente que não existe a menor hipótese ou possibilidade de se pensar em terminar com o gado. "A pecuária está no nosso sangue; está embrenhada na nossa cultura, na nossa tradição. Não conseguimos imaginar o Pantanal sem boi", afirmam. Todo o nosso pessoal, antes de qualquer coisa, são pantaneiros de alma e coração. E todos acham muito importante, antes de mais nada, tomar o maior cuidado para nunca descaracterizar o lugar, nem as pessoas. "Se isso acontecer, tudo perde completamente o sentido", afirmam.

A Interpretação Ambiental, que se resume na arte de explicar o significado de um atrativo turístico, desperta o interesse e a atenção do visitante em relação à natureza e à cultura, às características do local, através de esclarecimento de dados, fatos e correlações que normalmente não são claros ao simples olhar (Mtur – Ecoturismo, 2008). Percebe-se que esta Interpretação Ambiental parece ter estreita ligação com as atitudes tomadas pelos pantaneiros em relação aos

turistas – mesmo que de maneira intuitiva – desde há mais de 25 anos, quando se iniciou a atividade do ecoturismo na região.

Referindo-se ao 'olhar turístico', parece haver, no caso do Pantanal, algo maior do que apenas a visão romântica, individual, solitária. Diferentemente da afirmação de que os turistas não vêm o lugar como se fosse o 'lugar da vida', mas sim o 'lugar do exótico', estes, cada vez mais, quando visitam o Pantanal, além da intenção de apreciar a fauna e a flora locais, vêm para sentir, viver e conviver com os costumes marcantes e peculiares do pantaneiro, para conhecer e participar ativamente da sua cultura, das suas tradições. O pantaneiro tem consciência do meio em que vive. Isso é fruto de um intenso convívio que mantém com os animais e plantas, sobre os quais possui respeitável conhecimento. Esta necessidade e procura constantes pela adaptação ao meio natural do Pantanal – não tentando modificá-lo – foi fator que contribuiu consideravelmente para formação de sua cultura e para o fortalecimento de suas tradições, proporcionando um relativo equilíbrio com o meio ambiente a que sempre foi fiel. O pantaneiro em geral, antes de qualquer coisa, tem muito orgulho do que é. Não abre mão da sua cultura, das suas tradições e tem consciência do que representa para o Pantanal. Na sua maneira simples e tranquila de conversar e de agir sempre demonstra isso. Este é o diferencial e vai de encontro ao que diz Yázigi quando afirma que "homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar" (YÁZIGI, 2001: p. 45). Atualmente, os turistas, cada vez mais, quando visitam o Pantanal, além da intenção de apreciar a fauna e a flora locais, vêm para sentir, viver e conviver com os costumes marcantes e peculiares do pantaneiro.

Quando se observa e se vivencia repetidas vezes cenas diárias tipicamente pantaneiras, como foi feito durante os trabalhos de campo, percebe-se que elas são passadas com naturalidade aos turistas. Fazem parte do dia-a-dia do pantaneiro. Não são 'montagens cinematográficas' concebidas com intenção de atraí-los. Alguns podem achar que se tornaram produtos turísticos. Pode até ser. Mas se isso aconteceu foi porque são reais e não fictícias. Fazem parte de uma cultura há muito presente no lugar. Não se criou "confinamento territorial" (Yázigi, 1999) ou "bolhas" (Urry, 2001).

Sabe-se que quando o turismo chega a um determinado lugar, de uma maneira ou outra, com maior ou menor intensidade, algum tipo de pressão exercerá sobre o meio ambiente e a comunidade local. No caso do Pantanal, a mudança do ritmo é o que parece estar mais exposto às interferências provocadas pela atividade turística, pois o pantaneiro tem um ritmo próprio, adaptado à natureza, que comanda o seu dia-a-dia. "A estrutura de um lugar não pode ser eterna.

Mas isto não significa que sua personalidade deva se perder, porque o homem busca a estabilidade do lugar." (YÁZIGI, 2001: p. 49).

**Referências**

BANDUCCI Jr., Álvaro. **A Natureza do Pantaneiro**: Relações Sociais e Representação de Mundo no "Pantanal da Nhecolândia", 224 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2007.

BERTELLI, Antonio de Pádua. **O Pantanal, mar dos Xaraiés.** 102 p., São Paulo / SP: Ed. Siciliano, 1988

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense**, 62 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Ministério da Agricultura / Serviço de Informação Agrícola, 1955.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**, 107 p., São Paulo / SP: Ed. Roca, 2001.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. **Turismo, teoria e prática**, 376 p., São Paulo / SP: Ed. Atlas, 2000.

LEITE, Eudes Fernando. **Marchas na História**: Comitivas e Peões-Boiadeiros no Pantanal, 223 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2003.

MACHADO, Arlindo; BECKER, Beatriz. **Pantanal, a reinvenção da telenovela**, 146 p., São Paulo / SP: Ed. EDUC, 2008.

MARQUES, A. **Matto Grosso**: seus recursos naturaes, seu futuro econômico, Rio de Janeiro / RJ, 216 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Americana, 1923.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal, Homem e Cultura**, 155 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2002.

PROENÇA, Augusto César. **Pantanal**. **Gente, Tradição e História**, 168 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 1997.

ROCHA FILHO, José Fonseca da. **Dissertação de Mestrado "No ritmo das águas, na cadência das boiadas. A inserção do turismo nas fazendas de criação extensiva de gado bovino no Pantanal de Aquidauana/MS**", FFLCH- USP, 2010.

RONDON, J. Lucídio. **Tipos e Aspectos do Pantanal do Mato Grosso**, 160 p., Cuiabá / MT: Ed. Nobel, 1972.

RUSCHMANN, Dóris. **Marketing Turístico**: um enfoque promocional, 124 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1995.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**, 308 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 3ª edição, 1999.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, 124 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 1988.

SODRÉ, Nélson Werneck. **Oeste**: Ensaio sobre a Grande Propriedade Pastoril, 206 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1941.

YÁZIGI, Eduardo. **A Alma do Lugar**, 304 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2001.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). **Turismo**: Espaço, Paisagem e Cultura, 239 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 1999.

URRY, John. **O olhar do turista**, 232 p, São Paulo / SP: Ed. Studio Nobel/SESC, 2001.